Pensando sobre a cavalaria nobre medieval através de Guilherme Marechal na obra de Georges Duby

Thinking about the medieval noble cavalry through William Marshal in the work of Georges Duby

André Luiz Leme[*]
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Resumo

Em sua época, a canção sobre os feitos de Guilherme Marechal contribuiu para um sentimento de nostalgia em relação à cultura cavaleiresca. O século XIII ainda valorizaria a cavalaria em sua sociedade em função das conquistas a serem realizadas por cada reino, pois essa cultura militar já estava impregnada no social medieval. Georges Duby, por meio dessa sua obra clássica sobre Guilherme Marechal, nos permite vislumbrar paralelamente à biografia a tecitura da sociedade cavaleiresca. Adentramos a micro narrativa na busca de padrões de desígnio do que era ser um nobre cavaleiro, posição essa conquistada e não somente dada. Ser cavaleiro não era apenas existir, mas era se tornar um; e claro, se possível, o melhor do mundo.

Palavras-chave: Georges Duby, Guilherme Marechal, cavalaria.

Abstract

In his time, the song about the achievements of William Marshal contributed to a feeling of nostalgia for the culture of chivalry. The 13th century would still value cavalry in its society through the conquests to be achieved by each kingdom, as this military culture was already impregnated in medieval social. Georges Duby, through his classic work about William Marshal, allows us to glimpse parallel to the biography the weave of chivalrous society. We entered the micro narrative in search of patterns of design of what it was to be a noble knight, a position that was conquered and not only given. To be a knight was not just to exist, but to become one; and of course, if possible, the best in the world.

Keywords: Georges Duby, William Marshal, cavalry.

● **Enviado em: 15/06/2019**
● **Aprovado em: 01/12/2019**

[*] Professor Adjunto de História Antiga e Medieval no Colegiado de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Graduação (2008), Mestrado (2011) e Doutorado (2015) em História Antiga pela Universidade Federal do Paraná. Membro do Grupo de Pesquisa em História Intelectual (CNPq - UNIOESTE) e do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (CNPq - UFPR). Desde 2018, Coordenador do Curso de História da UNIOESTE.

Não tínhamos como escrever o presente dossiê sem a presença cavaleiresca mais famosa na obra dubyniana, Guilherme Marechal. O livro de 1984, que tem o título "Guilherme Marechal ou O Melhor Cavaleiro do Mundo", foi considerado intrigante ao apresentar sua narrativa em forma de rememoração, "flashback", e retomar de forma problematizante o estudo biográfico de um indivíduo. Falar sobre a cavalaria é sentir o coração do homem medieval, seja ele nobre cavaleiro, seja ele um escudeiro ou forjador de espadas. Ademais, a temática da cavalaria é de forte interesse na atualidade, posto que se apresenta em séries, vídeo-games e romances[1]. Resgatamos, de fato, o medievo a todo o momento. A Idade Média, devemos ressaltar, é um tempo da história que possuiu um panorama de intensos contatos políticos e culturais entre homens e mulheres de diversas regiões. De sábios bizantinos, por exemplo, viajando de Constantinopla até Córdoba no século XI para consultar os livros da biblioteca califal ou de cavaleiros que decidiram fixar residência na Palestina nas Primeiras Cruzadas. Propulsor dessas pesquisas historiográficas foram as obras de Georges Duby (1919-1996), um assíduo leitor das obras de Jules Michelet[2]. As obras mais importantes de Duby sobre a cavalaria são: "O Domingo de Bouvines" (1973), "Guerreiros e Camponeses" (1976), "As Três Ordens ou O Imaginário do Feudalismo" (1978), "A Sociedade Cavaleiresca" (1979), e "Guilherme Marechal ou O Melhor Cavaleiro do Mundo" (1984). No presente artigo, em especial, realizaremos considerações sobre o modelo da cavalaria e seu quadro social, tendo por base o exemplo e as ideias de Georges Duby sobre o personagem Guilherme Marechal.

---

1 O mais famoso exemplo atual é a produção de George R. R. Martin com seu Game of Thrones: MARTIN, George R. R. *As Crônicas de Gelo e Fogo (1: A Guerra dos Tronos).* Tradução de Jorge Candeias. São Paulo: Leya, (edição de colecionador, 2014). MARTIN, George R. R. *As Crônicas de Gelo e Fogo (2: A Fúria dos Reis).* Tradução de Jorge Candeias. São Paulo: Leya, (edição de colecionador, 2014). MARTIN, George R. R. *As Crônicas de Gelo e Fogo (3: A Tormenta de Espadas).* Tradução de Jorge Candeias. São Paulo: Leya, (edição de colecionador, 2014). MARTIN, George R. R. *As Crônicas de Gelo e Fogo (4: O Festim dos Corvos).* Tradução de Jorge Candeias. São Paulo: Leya, (edição de colecionador, 2014). MARTIN, George R. R. *As Crônicas de Gelo e Fogo (5: A Dança dos Dragões).* Tradução de Jorge Candeias. São Paulo: Leya, (edição de colecionador, 2014).

2 Vejamos o estilo de narrativa que Georges Duby assimilou de Jules Michelet: "Eis o que nos pede a França, a nós, historiadores: não que façamos a história – ela está feita nos seus pontos essenciais; moralmente, os grandes resultados estão inscritos na consciência do povo -, mas que restabeleçamos a cadeia dos fatos, das ideias de onde saíram esses resultados: "não vos peço", diz ela "que formeis minhas crenças, que diteis meus julgamentos; cabe a vós recebê-los e conformar-vos a eles. O problema que vos proponho é o de me dizer como cheguei a julgar assim. Agi e julguei; todos os intermediários entre essas duas coisas pereceram em minha memória. Cabe a vós adivinhar, meus magos! Não estivestes presentes, eu estive. Pois bem, quero, ordeno que me conteis o que não vistes, que me ensineis meu pensamento secreto, que me digais pela manhã o sonho esquecido da noite". Grande missão da ciência e quase divina! Ela jamais bastaria para isso se fosse apenas ciência, livros, penas e papel. Não se adivinha uma tal história senão ao refazê-la com o espírito e a vontade, ao revivê-la, de modo que não seja uma história, mas uma vida, uma ação. Para redescobrir e relatar o que esteve no coração do povo só há um meio: é ter o mesmo coração". MICHELET, Jules. Do método e do espírito deste livro. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. Jules Michelet. *Lições de história:* o caminho da ciência no longo século XIX. MALERBA, Jurandir (org.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p.108-109.

Para Georges Duby, a batalha na Idade Média era um momento muito singular, sendo aquele um período no qual os homens se destacavam principalmente no campo militar. A batalha não era a guerra efetiva, e sim um procedimento para a manutenção da paz. Era um acontecimento necessário para a negociação das ações de ambos os lados. Além disso, o cavaleiro que participava destes confrontos era preparado e armado para enfrentar tais situações. Citamos aqui o exemplo da batalha de Bouvines, que ocorreu no dia 27 de julho de 1214, domingo. Neste evento o rei da França, Filipe Augusto (1165-1223) derrotou uma coalizão liderada pelo rei da Germânia, Oto (1175-1218). Mas o que são os homens em batalha de acordo com a observância de Duby:

> Todos os papéis são representados por homens, como convém ao teatro antigo. Mas, sendo o espetáculo militar, todos os personagens são efetivamente masculinos. Na verdade, poderíamos esperar encontrar aqui, ainda que na imprecisão de um segundo plano, aqueles bandos de mulheres de condições diversas que, como se sabe, seguiam nessa época todos os exércitos. Os exércitos dos cruzados tanto como os outros. Elas estão ausentes. Para Guilherme e para aqueles que o escutam, Bouvines é de fato um assunto sério, uma batalha, uma solenidade, uma cerimônia de certo modo sagrada. Sua imagem, como a das altas liturgias, só poderia ser viril[3].

A Igreja era o agente da pacificação nas guerras e batalhas através das ações dos monges. A saber, a guerra era um processo de animosidade mais complexo e as batalhas são acontecimentos mais simples. É importante destacar, na linha de Georges Duby, que a conquista de proveitos e terras resultantes após a vitória em uma batalha era essencial para os grupos armados. Em "As Três Ordens ou O Imaginário do Feudalismo" (1978) Duby mescla a concepção de imaginário com a movimentação dos grupos sociais. Isto foi algo que mudou uma anterior concepção estática e ainda tradicionalista na França. Também esta obra possui reflexos do movimento intelectual francês de Maio de 1968 em Paris e que propagou a relativização das propostas conservadoras. Destacamos a explicação dubyniana:

[3] DUBY, Georges. *O Domingo de Bouvines.* 27 de julho de 1214. Tradução de Maria Cristina Frias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, ed. 1973, p.29. "Em Bouvines ocorreu o recurso da complementação da narração com as biografias dos personagens participantes da batalha. É interessante observar que na mesma época de publicação de Bouvines foi divulgada a obra de John Keegan, *O Rosto da Batalha* (1976), com uma proposta diferenciada de história militar sobre conflitos e campanhas. Em busca do entendimento da sociedade feudal também pelo seu imaginário, Duby, portanto, se encontrava imerso numa ação renovadora da historiografia medieval. Herdeira dessa historiografia é a recente obra da historiadora Juliet Barker, *Agincourt*, que trata do acontecimento utilizando-se, sem reservas, das biografias, da interdisciplinaridade e do imaginário. Historiadores na América Latina também acompanham essas transformações". In: PETERS, A. P.; DEUS, A. D. P.; SENKO, E. C.; POHLMANN, J. F.; PINTO, O. L. V.; A História é uma Arte com Georges Duby. *Revista Mosaico.* v.4, n.1, p.15, jan./jun. 2011.

> Ora há duas frases latinas, eco uma da outra, que nos dão uma imagem muito semelhante da sociedade perfeita. Duas frases que podemos traduzir assim: Tripla é pois a casa de Deus que se crê una: em baixo, uns rezam (*orant*), outros combatem (*pugnant*), outros ainda trabalham (*laborant*); os três grupos estão juntos e não suportam ser separados; de forma que sobre a função (*officium*) de um repousam os trabalhos (*opera*) dos outros dois, todos por sua vez entreajudando-se[4].

Georges Duby apontou em sua pesquisa em "As Três Ordens" que esta esquemática social fazia parte de uma tradição discursiva construída no século XI por Adalberão, bispo de Laon e por Gerardo, bispo de Cambrai:

> Demonstrou que, desde a origem, o gênero humano e dividiu em três: as gentes de oração (*oratoribus*), os agricultores (*agricultoribus*) e as gentes de guerra (*pugnatoribus*); fornece evidente prova de que cada um é o objeto, por parte dos outros dois, de um recíproco cuidado. Três funções pois, todas elas semelhantemente conjugadas. Desta vez, a proclamação vem do fundo dos tempos. Foi formulada nos anos vinte do século XI por Adalberão, bispo de Laon, e por Gerardo, bispo de Cambrai, seiscentos anos antes de Loyseau e novecentos anos antes do senhor de Torquat[5].

Mas este quadro não era tão fixo assim efetivamente[6]. Para Georges Duby a sociedade medieval não era definida neste aspecto estático de forma determinada, pois haveria uma movimentação interna. Há um movimento na sociedade e, por conseguinte, na sua ordem

4 DUBY, Georges. *As Três Ordens ou O Imaginário do Feudalismo.* Tradução de Maria Helena Costa Dias. Lisboa: Éditions Gallimard, ed. 1978, p.16-17.

5 Idem, p.17.

6 Devemos lembrar das especificidades da ordem feudal em cada região do Ocidente Medieval, por exemplo em Castela do século XIII: "A Lealdade mantém a Linhagem através da honra. A justiça do rei se sobrepõe à nobreza. Como verificamos [em Las Siete Partidas], o documento normativo estabelece o grupo dos cavaleiros, com as suas funções e responsabilidades específicas, dentro de uma ordem social complexa. José Mattoso analisando a estrutura social do medievo ibérico comenta que esse modelo teórico compunha parte de uma tradição discursiva da nobreza dividida em ricos homens, infanções e cavaleiros. A relação de Afonso X com os seus nobres era tensa, pois estes como vimos anteriormente não aceitavam muito bem a sua ideia imperial. Mas a crítica dos nobres a Afonso X não se restringia apenas às suas investidas internacionais, mas principalmente sua relação particular com os chamados *ricos hombres* das duas principais famílias, os Haro e os Lara". SENKO, Elaine Cristina. *O conceito de justiça no trabalho jurídico do rei Afonso, o Sábio (1221-1284): Las Siete Partidas.* Tese de Doutorado em História. Curitiba, PPGHIS UFPR, 2016, p.224-225. E O'Callaghan complementa: "A mediados del siglo XII la nobleza había tomado ya conciencia de su *status*, derechos y privilegios. Por influencia del feudalismo, los grandes personajes del reino estaban unidos al rey por vínculos de vasallaje y, a cambio, tenían muchos subordinados en condición de vasallos. A diferencia de la Europa del Norte, donde la nobleza detentaba oficios públicos y tierras en calidad de feudos, transmisibles por derecho hereditario, los nobles castellanos eran recompensados por los servicios prestados a la Corona con tierras en plena propriedad o con soldadas pagadas con el dinero procedente de las *parias* de los moros. Los cargos u ofícios públicos se ejercían por concesión personal del rey y sólo ocasionalmente pasaban de padres a hijos. El título de conde, relativamente común en el siglo XII, desapareció prácticamente en el XIII, y no reaparecería sino a fines del siglo XIV. Había tres grupos dentro de la nobleza: los magnates, conocidos en el siglo XIII como *ricos hombres*; los infanzones, personas de linaje distinguido, pero no tan ricos como los magnates, y los caballeros *fijos dalgo*". O'CALLAGHAN, Joseph F. *El Rey Sabio: el reinado de Alfonso X de Castilla.* Traducción Manuel González Jiménez. Universidad de Sevilla: Secretariado de Publicaciones, 1999, p. 95.

social em que os senhores e membros da Igreja ficavam vigilantes. Por exemplo: Os camponeses poderiam tornar-se cavaleiros através de participações em "justas" (embates) e torneios. Em "As Três Ordens" Duby também explana sobre a Paz de Deus, tática decisiva para salvaguarda das terras pelos cavaleiros:

> O projeto elaborara-se em 989-990 em Charrou, no Poitou, e em Narbona; afirmara-se em 994 em Limoges, no Puy, em Ansa, perto de Lião. Tinha por finalidade defender os direitos temporais das igrejas, nessa região onde a avidez dos poderosos já não era refreada pelo monarca, onde as gentes de guerra começavam a sangrar 'o povo desarmado' e isto até no interior dos domínios eclesiásticos[7].

As regras para os cavaleiros se casarem e terem uma família eram intensamente propagadas pela Igreja no medievo. Principalmente no século XIII, segundo Georges Duby, houve a necessidade de diminuir a violência dos cavaleiros os regrando através do cristianismo e com a ação dos casamentos. Pois bem, notamos como a ideologia das três ordens formatou as sociedades medievais do Ocidente. A instituição eclesiástica e sua forte unidade cristã teriam contribuído para a expansão de um estilo feudal. Já no século XIII observamos o fortalecimento do poder temporal dos reis e da nobreza, mas o feudalismo continuaria em longa duração, existindo até o século XVII.

A obra de Georges Duby que obsevamos com atenção especial no presente artigo, "Guilherme Marechal ou O Melhor Cavaleiro do Mundo" (1984), aproximou um público bastante amplo de sua pesquisa história[8]. Com uma narrativa instigante, o autor inspirou-se no estilo de Michelet e trouxe novamente para a história a paixão da profissão de historiador. Iniciou a narrativa de "Guilherme Marechal" com a técnica do "flashback" (noção de tempo do presente ao passado):

> *O Conde Marechal não agüenta mais.* Agora se sente esmagado pelo cargo. Faz três anos, quando o instavam para assumir a regência, que ele terminou aceitando ante tão forte insistência, tornado-se 'guardião e senhor' do rei-menino e de todo o reino da Inglaterra...[9].

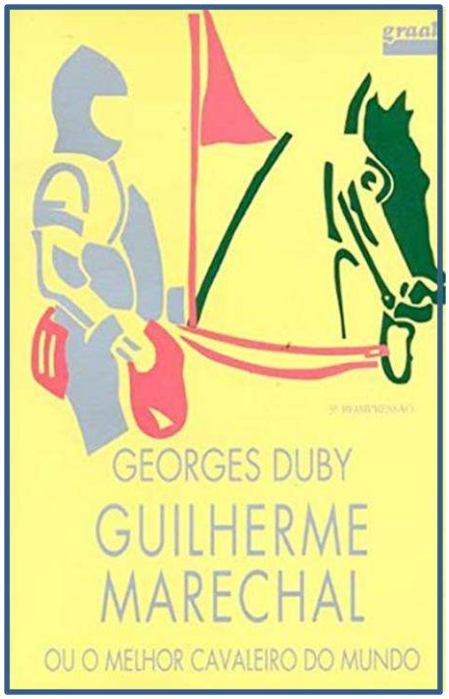
---

7 DUBY, Georges. *As Três Ordens ou O Imaginário do Feudalismo.* Tradução de Maria Helena Costa Dias. Lisboa: Éditions Gallimard, ed. 1978, p.158.

8 Lembremos que a adaptação fílmica de 2010 "Robin Hood" dirigido por Ridley Scott constava como um dos personagens principais Guilherme Marechal.

9 DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo.* Tradução de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, edição de 1987, p.7.

Imagem 01: capa da edição de "Guilherme Marechal", de Georges Duby, Edições Graal (1987).



Fonte: https://bit.ly/2Ukcxk2 Acesso em: 20 de março de 2020

É necessário elucidar aqui, conforme Georges Duby explanou em sua vida, que o período da Idade Média não foi uma ruptura, mas sim um processo histórico em desenvolvimento. Ao longo do embate entre os escolásticos e os humanistas civícos, na Modernidade, foi constituído um estereótipo que cabe ao historiador de hoje desvendar e problematizar: o olhar pejorativo para o período medieval, rotulado como uma época imersa nas "trevas". Cabe destacarmos que as obras de Georges Duby lutaram sempre na valoração do medievo. Demonstração disso é o entendimento dos valores da cavalaria que bem podemos verificar, através de uma percepção crítica, na obra sobre Guilherme Marechal.

Guilherme Marechal (1146-1219) serviu os seguintes reis da Inglaterra: Henrique II (1133-1189), Ricardo Coração de Leão (1157-1199), João Sem-Terra (1166-1216) e Henrique III (1207-1272). O Rei-menino, citado por Georges Duby, era Henrique III (1207-1272). De vida longa, Guilherme Marechal foi o exemplo de um indivíduo que se movimentou dentro do discurso proposto pela esquemática ordenadora das três ordens (o qual se fez na vida através de justas, pois não era o primogênito) e se tornou o produto-modelo do que representava um cavaleiro medieval sob a observância atenta de Georges Duby.

Georges Duby inicia a obra aqui analisada, como citamos, com a ideia de que "O Conde Marechal não aguenta mais", apresentando Guilherme já estabelecido como cavaleiro de fama e que gostaria de morrer naquele momento, pois estava cansado de tantas responsabilidades

assumidas em seu passado[10]. Fato que não o impede de ter orgulho de suas proezas, pelo contrário, deseja antes de morrer rememorar todas suas importantes lembranças. Fazia pouco tempo que Marechal tinha assumido o papel de guardião e senhor do rei menino e do reino da Inglaterra. Na narrativa, estamos por volta de 1219. Para Duby, o Marechal se considerava velho, fraco e combalido. Esse não era um sentimento à toa, pois Marechal nessa altura de sua vida já tinha seus mais de oitenta anos e não se lembrava do dia que nasceu (talvez por volta de 1145?), até porque no medievo são outras as datas importantes para serem relembradas. Até pouco tempo, em 1217, segundo a pesquisa de Georges Duby, o Marechal ainda estava lutando uma batalha em Lincoln feito um moço[11]. Mesmo tendo sido casado, sempre se comportou intrepidamente como um moço. Foi na festa de Candelária em 1219 que Marechal desabou. O Marechal já sentia que sua despedida da vida se aproximava e por isso se preparava silenciosamente para o seu adeus. Dessa forma decidiu ter sua última aventura no castelo de sua infância, o de Marlborough. Ainda em 1219, passou por Westminster e chegou na Torre de Londres. É a época da quaresma, momento enfim de expiação dos pecados, ideal para uma despedida. A sua esposa e os seus amigos são chamados por ele para iniciar o ritual de passagem desse mundo do século ao outro prometido pela mensagem divina. É no coletivo que se vivia no medievo e se morria também. Como afirma Duby: "Quem aparece só, no começo do século XIII, a não ser os insensatos, os possessos, os marginais perseguidos?"[12]. A coletividade é imprescindível no medievo porque ela mantém as solidariedades, as amizades, as lealdades e principalmente o sentido de ordem e justiça medieval. Por isso, o autor/historiador Georges Duby, na qualidade do personagem histórico Marechal, sabia que apenas em sociedade a vida medieval tinha seu significado, porque nela se reconhecia, no grupo identitário do local, seus signos de valor correspondentes. Para Marechal ele tinha que ter perto de si nesse momento a sua família, ao lado do filho maior, bem como os seus homens, estes que prometeram a ele a lealdade e a amizade, ou seja, os nobres cavaleiros de sua Casa. A honra é o símbolo máximo entre os cavaleiros do medievo e ela deve ser buscada por todos. São todos que decidem ir junto com Marechal para uma de suas propriedades em Caversham. É o momento de exoneração das honrarias de Marechal

10 Aqui é importante ressaltar que Norbert Elias em 1991 nos brindou com uma obra sobre a vida de Mozart pária ao de Duby aqui analisado, porém com menos recurso literário do que ele. ELIAS, NORBERT. *Mozart:* sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Zahar Ed., edição de 1995. Além disso, Carlo Ginzburg nos anos de 1980 também trabalhava no sentido de se buscar os vestígios para compreender biografias, veja o caso do seu livro Investigando Piero; in: GINZBURG, Carlo. *Investigando Piero.* São Paulo: Cosac Naify, edição de 2010.

11 DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo.* Tradução de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, edição de 1987, p.8.

12 Idem, ibidem.

dessa vida para a sua passagem. E sabemos que não foi uma passagem rápida, tal como hoje na contemporaneidade se faz, cirúrgica, com a tentativa de ser indolor. No medievo é bem ao contrário: a despedida da vida é feita com emoção vivida a cada passo da passagem, uma mistura de tristeza e júbilo diante da morte. No medievo a morte é encarada solenemente. Enquanto Guilherme estava passando pelo seu ritual de morte em Caversham, uma multidão de nobres acompanhava a situação hospedados no mosteiro de Reading. Por vezes, estes iam ao encontro do famoso cavaleiro para dizerem adeus.

Momento marcante nessa longa despedida foi a visita do menino rei, Henrique III. O reizinho escutou a grande lamentação do Marechal por não mais poder cuidá-lo. Guilherme evocou um discurso de normatização da conduta do futuro homem rei. Como um bom exemplo de cavaleiro, lembra ao jovem rei a importância da permanência da lealdade para a garantia do reino da Inglaterra. Mas Marechal tem uma meta antes de morrer diante de seu reizinho: escolher um sucessor seu para guardá-lo; ao mesmo tempo, deve afastar as premissas ao cargo pelo bispo de Winchester. O despojamento do cavaleiro deveria deixar tudo em perfeita ordem, em harmonia.

Após o despojamento público, começaria o privado. O direito privado previa a entrega dos bens do quase falecido para o filho maior. Neste caso, Guilherme, o Moço, seu primogênito. A herança do Marechal passa para o filho mais velho e retorna para a esposa, a qual já tinha esses bens, mas que estavam sob a autoridade do esposo. Guilherme, o Moço tinha quatro irmãos: um nobre cavaleiro, um membro da Igreja, um nobre e um mais moço. Todos receberam também legados do pai. E tinha cinco irmãs, quatro já casadas com barões ingleses e apenas a mais jovem ainda continuava solteira. Para a mais jovem seu pai deixou uma soma para o enxoval aos cuidados de Guilherme, o Moço, o qual deveria arranjar um bom casamento para a irmã. As disposições testamentárias garantiam a estabilidade e unificação das posses em uma mesma família e também a hierarquização terrena inspirada pela divina[13].

Georges Duby, para a despedida de Marechal, apresentou um cenário de lágrimas, vigílias e preocupações religiosas. Nesse último quesito o Marechal teve uma grande preocupação em pertencer a Ordem dos Templários. Desejava ser também um monge guerreiro, ou seja, a conjugação da ordem dos cavaleiros e dos religiosos. Tudo isso era um ritual esmerado de cuidados: "O rito é de passagem. Passagem da cavalaria simples à nova cavalaria, como dizia São Bernardo, à cavalaria renovada, a desses 'homens novos' que

[13] Também esta é a indicativa de J. Baschet: "[...] opera-se a unificação das elites, que terminam por partilhar um estilo de vida comum, cada vez mais militarizado, mas também fundado sobre a propriedade da terra e o controle das cidades". BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal:* do ano 1000 à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006, p.53.

decidiram tornar-se mais perfeitos"[14]. No século XIII esse rito já não era unanimidade, pois o monarquismo militar estava em decadência. Não obstante, o rito do Marechal já durava dois meses, com sua plateia permanecendo fiel ao famoso cavaleiro até o fim. Marechal passa fome ao mesmo tempo em que tem vontade de cantar. No entanto, como fica um pouco esquisito um quase defunto cantar, indicam ao Marechal que este chame suas filhas para o serviço, as quais comparecem e realizam o pedido do pai.

O que define a cavalaria é a sua moral[15]. O Marechal defende alguns comportamentos como o da bonança entre os cavaleiros. Por exemplo, manda João de Early distribuir todas as suas roupas; e caso alguém tenha ficado sem uma muda, que compre e lhe dê. Essa norma de conduta de Marechal segue os preceitos da moral doméstica e da moral social. Nesse sentido da moral social, Duby nos conta que: "O bom senhor pensa primeiro nos seus, nesses que ele reúne em sua casa e que tudo devem à sua largueza. [...] O Marechal é bom senhor". Dos nobres ao pobres, todos receberam as vestes de seu senhor. Depois disso Georges Duby apresenta o momento de partida do personagem histórico, Guilherme Marechal:

> Estou morrendo. Confio-vos todos a Deus. Não posso mais permanecer convosco. Não posso me defender da morte. E entra, então, no silêncio. João de Early se apaga, cedendo o lugar a quem de direito. O filho senta-se. Chorando baixinho, isto é, de coração, e não por exibição, acolhe nos braços o pai, que se entrega, se 'aconchega' nele[16].

Interessante nessa cena explicada por Georges Duby é observarmos os membros do clero, que comparecem e saem discretamente sem ministrarem ao Marechal o viático. O cortejo se forma e avança até a sua última morada, o Templo em Londres. O corpo do Marechal passa por igrejas até chegar ao seu destino. Chegando a Londres foi recebido pelo arcebispo de Canterbury, primaz da Inglaterra. Este o levou até o Templo. Recebido no Templo, todo iluminado e exposto pelo esquife para todos, se procede nos espaços abertos de Westminster a distribuição de moedas e víveres.

Conforme a análise de Duby, o Marechal, quando vivo, sempre lembrava que o rei Henrique II, quando foi devorado pela doença, vivia ameaçado pela ambição de seu filho,

---

14 DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo.* Tradução de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, edição de 1987, p.22.

15 DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo.* Tradução de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, edição de 1987, p.27. Para tanto salientamos: FLORI, Jean. *A cavalaria.* São Paulo: Madras, 2005; FLORI, Jean. Cavalaria. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval.* Tradução de Hilário Franco Júnior. Bauru, SP: Edusc, 2006, pp.185-199.

16 DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo.* Tradução de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, edição de 1987, p.31.

Ricardo Coração de Leão; infelizmente acabou deixando o reino na miséria, morrendo sem alimentar os pobres. Era uma vergonha um rei morto não alimentar os mais necessitados. Por isso o Marechal desejava fazer ao contrário se possível; e o fez. Em 14 de maio de 1219, o Marechal alimentou os pobres como se fosse um rei. Essa notícia da morte de Guilherme Marechal abalou ainda mais um antigo rival da Inglaterra e vencedor de Bouvines, Felipe Augusto. Este sentiu, segundo os estudos de Duby, a morte de tão querido cavaleiro:

> E foi um rei que se incumbiu de pronunciar seu último elogio, o que muito enalteceu a parentela. Esse rei, justamente, que havia humilhado o orgulho dos Plantagenetas, cinco anos atrás, em Bouvines, e cujo poder agora se alastrava pelo mundo, dominando-o com tal segurança que lhe deram, como aos imperadores romanos dos tempos antigos, o cognome de Augusto: Felipe, segundo do nome, rei da França. Felipe Augusto tinha a corte reunida na região do Gâtinais quando lhe chegou a nova da morte de Guilherme, a quem muito apreciava. [...] E depois, perante a assembléia atenta, o rei voltou-se para Guilherme de Barres, seu amigo: 'Ouviste o que me disseram? – O que lhe disseram, Alteza? – Por minha fé, vieram-me dizer que o Marechal, que foi tão leal, está enterrado. – Que Marechal? – O da Inglaterra, Guilherme, valeroso que foi, e sábio. – Em nosso tempo não houve em lugar algum melhor cavaleiro, e que melhor soubesse manejar as armas. – O que dizes? – Afirmo, e Deus me seja testemunha, que jamais conheci melhor cavaleiro que ele em toda a minha vida[17].

Diante do grupo dos cavaleiros, entre eles nobres e reis, Guilherme Marechal foi o mais leal e sapiente, e por isso foi aplaudido como o melhor cavaleiro do mundo. O jovem Guilherme, filho maior do Marechal, desde a morte do pai recorreu a estratégia de guardar a lembrança dos feitos daquele que era seu exemplo de homem e de cavaleiro: "Por isso seu dever primeiro consistia em arraigar a imagem do fundador na memória, tão profundamente que ela pudesse resistir ao desgaste do tempo, sem jamais se apagar por completo, apontando a cada geração de seus pósteros um exemplo de boa conduta"[18]. A memória do Marechal deveria prevalecer dentro da cultura da cavalaria[19]. Desde o século XII essa cultura da

17 DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo.* Tradução de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, edição de 1987, p.36-37.

18 Idem, p.39.

19 "Nesse último aspecto devemos salientar que muitos dos homens de armas deveriam emular os heróis de cavalaria provavelmente os de maior sucesso naquele período como os personagens dos contos da Távola Redonda, como o rei Arthur e cavaleiros como Lancelot", in: SENKO, Elaine Cristina. *O conceito de justiça no trabalho jurídico do rei Afonso, o Sábio (1221-1284): Las Siete Partidas.* Tese de Doutorado em História UFPR. Curitiba, PPGHIS UFPR, 2016, p.227. "[...] com o progresso econômico, desenvolveu-se a cultura, que não mais permaneceu restrita aos membros do clero e a alguns monges dos conventos e passou a interessar aos fidalgos, as pessoas das classes mais abastadas. Nas cortes formadas em torno dos grandes senhores feudais como as da Aquitânia, do Anjou, da Champagne e da Normandia, faziam-se torneios de inteligência e jogos mentais. Surgiu o xadrez e apareceram os poemas de amor, os romances cantados por jograis ou trovadores ou escritos numa língua que não era mais a do povo, mas de pessoas instruídas e bem-educadas. Um elemento importante na evolução cultural da

cavalaria tornou-se o exemplo de nobreza, ou seja, de uma cultura aristocrática. Em consonância com isso Duby indica que o modelo escolhido para se lembrar das proezas nobres e cavaleirescas do Marechal foi uma canção: "O monumento que Guilherme, o Moço, resolveu erigir em memória de seu pai foi, precisamente, uma canção"[20]. A canção, forma conhecida da didática militar medieval, promovia as ações do cavaleiro, os gestos (gestas). O estilo de canção de gesta com inspiração romanesca modela a fonte analisada por Georges Duby. Houve a descoberta do possível patrocinador (o filho maior Guilherme, o Moço) e o público receptor, a própria família do Marechal. Mas como era possivelmente trabalhada a memória na época? No que se refere aos reis, Duby sinaliza que "[...] tanto de Felipe Augusto como de Godofredo Plantageneta, estava envolta nessa língua hierática, a das liturgias eclesiásticas e dos 'autores' da literatura erudita. O latim impunha respeito; convinha aos elogios reais: os reis, por serem consagrados, eram meio eclesiásticos; e em latim Suetônio redigira a 'Vida dos Doze Césares', modelo de tudo"[21]. No entanto, no que se refere aos cavaleiros nobres, entre os quais muitos não sabiam nem ler e nem escrever, suas histórias deveriam compreender uma linguagem mais acessível. O dialeto da fonte que fala sobre as aventuras de Guilherme Marechal a qual Georges Duby teve acesso para a construção de sua narrativa histórica foi o dialeto da França do Oeste. Duby afirma que "esse poema, que foi posto em rimas às margens do Tâmisa, constitui um dos primeiros monumentos da literatura francesa. E é a mais antiga biografia que se conserva nessa língua"[22]. Duby pergunta-se como manuscrito sobre a vida e os feitos do Marechal conseguiu sobreviver até nós, considerando que a família do protagonista não manteve uma linhagem duradoura:

> Quem iria, então, preocupar-se em conservar-lhe a memória? Ora, pelo maior dos acasos, o texto dessa história chegou até nós. Num único manuscrito, é verdade, e que não é o original. A transcrição, medíocre (o copista compreendia mal uma língua que certamente era refinada demais para ele), parece de época. Talvez tenha sido encomendada por uma das irmãs, ou por um sobrinho; por ocasião, como muito acontecia, de um matrimônio. A menos

---

sociedade foi a mudança da situação subalterna da mulher que ocorreu a partir do fim do século XI. Na religião, enalteceram-se Santa Madalena e a Virgem Maria, medianeira indispensável junto a Jesus Cristo. Firmaram-se os direitos da mulher e assim o repúdio, atitude comum tomada pelo marido que se cansava da mulher, passou a ser controlado pela Igreja. A mulher obteve o direito de administrar os bens do marido ausente nas Cruzadas e a moral dos cavaleiros elevava-a e respeitava-a. A conversa e o convívio com as damas, nas pequenas salas de conversação dos castelos mais modernos, era um dos divertimentos preferidos da nobreza, principalmente no sul da França". HARVEY, Vera de Azambuja. O Cavaleiro da Careta e seu universo. In: TROYES, Chrétien de. *Lancelote (O Cavaleiro da Carreta).* Tradução de Vera Harvey. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p.9-10.

20 DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo.* Tradução de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, edição de 1987, p.40.

21 Idem, p.43.

22 Idem, ibidem.

> que um curioso de história tenha tido a vontade de conservar, para seu uso próprio, uma narrativa que lhe parecia ensinar muita coisa dos acontecimentos recentes, e que ele entendia digna, pelas qualidades de estilo, de figurar numa biblioteca de qualidade. O poema, se não desapareceu, talvez seja por sua beleza. As obras-primas resistem[23].

Duby rastreia a tipologia da fonte. Acrescenta ainda que nele há cento e vinte e sete folhas de pergaminho sem falta de nenhuma; e em cada folha existem duas colunas de trinta e oito linhas e dezenove mil, novecentos e quatorze versos no total[24]. Para Duby o primeiro idealista da obra – Guilherme, o Moço – teve zelo pela sua obra encomendada: "Sete anos se passaram na coleta de informações, na elaboração e adequada edição da obra. O resultado custou caro e quem o financiou quis que todos o soubessem, que isso constasse do poema"[25]. Entretanto, Guilherme, o Moço apenas encomendou a obra, não a escreveu. Contratou um artesão que tinha por ofício compor canções, ou seja, um trovador. O interessante disso é que conhecemos o nome desse trovador, João[26]. Este, conforme Duby, tem palavras cheias de vida, pontuais com justeza e um diálogo empático. Torna, portanto, o Marechal vivo[27], uma vez que demonstra-se além de trovador um consciente historiador. Talvez aqui a reflexão dubyniana coadune com o estilo de Jules Michelet, porque nos informa que o historiador deve ter amor, paixão pela narrativa histórica.

O estilo do trovador segue o modelo das "Vidas" e, ao mesmo tempo, adéqua-se com o estilo das "Histórias". Aqui temos um trovador que busca na tradição do passado, especialmente romano, elementos para construir um enredo medieval. Por isso o referido trovador, apesar de um erudito simples, ainda está a par das principais tradições literárias do Ocidente, averiguando os dados de informação que recolhe. Importante ressaltar que o trovador João compara testemunhos e indica as fontes. Vamos colocar aqui a profissão de fé, de trovador-historiador de João, conforme Duby informa o sentido de história para o autor medieval: "Aqui, senhores, que me convém dizer? Os que me fornecem a informação não concordam entre si; não posso obedecer a todos: seria extraviar-me; seria perder a boa trilha, seria perder parte de vosso crédito. Na história, que é verdade, ninguém deve mentir conscientemente"[28]. O trovador teve procedimento ao construir a narrativa sobre a vida de

---

23 DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo.* Tradução de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, edição de 1987, p.45.
24 Idem, ibidem.
25 Idem, ibidem.
26 DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo.* Tradução de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, edição de 1987, p.46.
27 Idem, ibidem.
28 Idem, ibidem.

Guilherme Marechal, criticou as fontes e buscou averiguar os fatos. Estratégia clássica, de historiadores romanos e gregos, para a definição de história, que atingiu aqui o medievo.

Sobre as fontes utilizadas por João, o trovador, Duby destaca que este seguiu uma vertente profana da cultura do século XIII[29]. Sobre isto, Georges Duby discute: "Quase tudo se evaporou dessa parte da criação cultural. A nós ela não chega. É por isso que sua canção me soa apaixonante. Obra de um homem que não pertencia à 'intelligentsia' clerical, ou que, pelo menos, dela se afastara no curso de seu trabalho, o poema é um depoimento raríssimo sobre o que eram, entre os cavaleiros da época, o senso e o conhecimento da história"[30]. Duby assim defende a importância do conhecimento da obra sobre Guilherme Marechal para compreendermos a cavalaria em si.

A indagação sobre quem foi esse João, o trovador perpassa pela problemática da obra apresentada por Duby em seu estudo. Lembremos que o debate sobre a autoria estava se tornando cada vez mais presente, a exemplo de historiadores como Norbert Elias e Carlo Ginzburg. A questão da autoria do manuscrito é esclarecida pelo próprio Duby ao refletir que:

> Quando, nos derradeiros versos, apresenta os créditos da obra e roga a Deus que dê 'a alegria do paraíso' àqueles que contribuíram na sua execução, menciona três pessoas em especial: o produtor – Guilherme, 'o bom filho'; o realizador – ele próprio; e ainda um terceiro homem, que, por amor, por 'bom amor' ao seu senhor, forneceu a informação, consagrando a tal ofício 'seu coração, mente e haver' – João. Da mesma forma que Paul Meyer, editor desse texto, considero que esse João não é nosso autor. É um João de identidade muito precisa. Faz apenas um momento que o deixamos, o mais íntimo de todos na agonia do Marechal, João de Early[31].

O laço que liga o antigo companheiro da cavalaria, João de Early, e Marechal é o sentimento do amor. Essa palavra marcante e cheia de emoção é o apogeu de uma amizade leal entre cavaleiros. João de Early é o informante do trovador, com suas expressões e vestígios de intimidade com o Marechal. A história que nos chega do Marechal é a história da cavalaria vivida por João de Early ao lado do personagem histórico famoso. Instigante a observação de Georges Duby ao afirmar que não foi recolhida essa história oralmente, mas sim de uma base escrita. Pode ter consultado, o trovador, um pergaminho antigo guardado na época do Marechal em sua casa. Por isso, Georges Duby questiona: João de Early, antes mesmo da encomenda do filho maior do Marechal, não patrocinou a escrita de algumas histórias

29 DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo***.** Tradução de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, edição de 1987, p.47.

30 Idem, ibidem.

31 DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo.* Tradução de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, edição de 1987, p.49.

sobre o querido amigo? Através de sua história podem ter eruditos colocado por escrito sua memória oral? O que Duby aponta como certeza é que foi João de Early o conservador oficial das lembranças sobre os eventos que envolveram o Marechal. Seria o mesmo que uma autobiografia? Talvez, na compreensão de Duby, João de Early (um duplo Marechal) produziu uma autobiografia sendo não ele o personagem central da narrativa, mas o melhor amigo.

Detalhes, exatidão, infalibilidade, prodígios. Assim o manuscrito nos apresenta as aventuras do personagem principal. Mas não nos enganemos com a construção da fonte. O Marechal também foi acusado de seus vícios e erros. O relato das lembranças são falhas em vários momentos do manuscrito, o que leva ao questionamento de Georges Duby: "Com efeito, menos me preocupam os fatos do que a maneira pela qual eles eram recordados e mencionados. Não estou escrevendo uma história do que aconteceu; ela já existe, por sinal muito bem escrita. O meu propósito é simplesmente o de esclarecer o que ainda se conhece pouco, recolhendo nesse testemunho, cujo excepcional valor já apontei, o que nos conta da cultura dos cavaleiros"[32], e termina como Duby costumeiramente conclui de forma bela e emocionante: "Quero, apenas, tentar ver o mundo como esses homens o viam"[33].

O mundo da cavalaria é o campo dos homens. Vimos acima como a extrema amizade pode forjar o amor entre os cavaleiros nobres. Duby ressalta que são poucas as aparições de mulheres no poema e isso revela a força viril dos patrocinadores e autores da obra. Porém, quando se relata o torneio de Joigny, o poder feminino é indiscutível. Elas já aparecem na abertura dos jogos para provocar os guerreiros a terem valentia e para depois participarem das danças e do evento do torneio. O festival que ocorria ao longo dos torneios era o habitat dos cavaleiros, era o coração da ascensão social para Marechal. As obras de literatura cavaleiresca eram de matriz oral e que passaram a ser escritas na época em que as cortes requeriam manuais de comportamento. A ode pelas armas, pela batalha, pela guerra aparece no manuscrito analisado por Duby:

O afã das armas que será?
Empregam-se elas como a pá,
a joeira, o machado? Não,
bem mais grave é seu fardo. Então,
da cavalaria – que digo?
Que é cometimento tão rijo
e arrojado, de arte tão árdua,
que o mau de tentá-lo se guarda.
Quem erguer-se ao alto pretende

32 Idem, p.54.
33 Idem, p.55.

dessa honra, primeiro lhe impende,
pois, empreender-lhe o aprendizado[34]*.*

Como verificamos no trecho acima, a cultura cavaleiresca feudal demonstra os valores mais sagrados para ela: o afã das armas, a conexão dos instrumentos ligados à terra para ser cultivada (o guerreiro fazendeiro), cavalaria como arte árdua, e família feudal constituída[35]. Mas tudo isso era válido para quem desejasse ascender através da honra cultivada pelo aprendizado militar. Todos esses aspectos eram caros ao Marechal e todos os cavaleiros dignos no medievo. De acordo com isso, Duby sinaliza que:

> No século XIII, a cavalaria forma no conjunto do Ocidente um corpo muito bem delimitado e que realmente se estabelece no centro do edifício social. Ele se apropriou da superioridade e da excelência antes ligadas à noção de nobreza. Nele se encarnam os valores mestres de uma cultura. Como se forjaram os modelos, as imagens, as representações mentais que deram estrutura a esse corpo e que o instalaram nessa posição eminente? Como alcançou tal coerência, como encontrou os seus limites? Como a idéia de nobreza veio finalmente se casar com a idéia de cavalaria? Ainda não é possível, hoje, dar respostas plenamente satisfatórias a essas perguntas, atinentes aos problemas mais profundos e mais árduos colocados pela sociedade medieval. Pode-se, pelo menos, arriscar a propósito deles algumas reflexões, algumas sugestões preliminares, algumas hipóteses de pesquisas, apoiando-se notadamente em certas pesquisas realizadas recentemente a respeito da noção de nobreza e da

34 Idem, p.77-78.

35 "No século XII, a concepção da família era resolutamente dinástica: remontava-se aos antepassados através dos homens, e quando, no fim do século, começou a disseminar-se o uso dos brasões, a simbólica heráldica se organizou de modo a conservar a lembrança da origem agnática comum nos ramos laterais assim que estes se constituíram em linhagens independentes. Tal representação apoiava-se principalmente na idéia de uma residência comum, berço da família, passada de pai cargos, os carolíngios escolhiam, num grupo de aliança dos antigos titulares, entre os descendentes, os parentes pelo sangue ou os aliados, sem limitar-se de modo algum à linha agnática e muito menos à primogenitura. Assim, só depois de libertar-se da domesticidade real, de apropriar-se de um poder autônomo, de uma senhoria particular, é que as famílias nobres se ordenaram em dinastia. "A casa de um nobre torna-se uma casa nobre quando se converte no centro e no ponto de cristalização independente e duradouro de uma raça à qual confere o poder." Desse modo a passagem da *Sippe* ao *Geschlecht,* o fortalecimento progressivo da linha masculina, que aos poucos se reservou a transmissão hereditária da autoridade, da fortuna territorial, da glória ancestral e, por conseqüência, da nobreza, aparece como um dos aspectos do advento do "feudalismo". Esse advento ocorreu através de etapas sucessivas cujo ritmo não foi o mesmo em todas as províncias, aqui mais precoce, acolá mais retardado. A autonomia foi conquistada primeiro pelas casas dos condes — cujos chefes foram nos textos latinos distinguidos pelo título de *dominus* —, depois pelos senhores dos castelos e do poder banal — cujas famílias eram, no Mâconnais, organizadas em linhagens antes do ano mil — e enfim, mais tarde, de maneira mais sensível, pelos cavaleiros em torno de sua morada, que se tornou, no fim do século XII ou começo do XIII, uma "casa-forte". A apropriação do poder de comandar e de punir, que só o homem pode exercer e que ele transmite ao filho, a hereditariedade puramente masculina da honra, do feudo, do título, do sobrenome familiar, das armas, a exclusão progressiva das filhas casadas da herança paterna, tudo isso contribuiu poderosamente, sem nenhuma dúvida, para dar às famílias nobres, sobretudo às mais ilustres, seu feitio dinástico e, ao mesmo tempo, para relegar ao segundo plano a filiação materna, para restringir singularmente seu papel na própria transmissão da "nobreza". Conviria verificar se esse movimento não coincide bem exatamente com a exaltação da vocação guerreira, da espada, da *militia*". DUBY, Georges. *A sociedade cavaleiresca.* São Paulo: Martins Fontes, 1989, p.11-12.

> noção de pobreza. Eis, pois, um pequeno número de observações. Elas se referem quase todas à França, porque minha experiência pessoal de tais problemas repousa no estudo de documentos franceses, mas também porque a lenta evolução de que se trata aqui foi aparentemente mais precoce nas regiões francesas que em qualquer outro lugar[36].

Sobre o cenário dos cavaleiros na França e na Inglaterra, Duby faz uma eficaz explanação ao longo da obra quando aponta que o "teatro" é evidente, sendo o da guerra ou da batalha[37]. No contexto de Guilherme Marechal seria o embate entre os Capetos e os Plantagenetas. Interessante a rememoração do passado inglês nesse momento:

> Em 1066, a vitória de Hastings entregara a Inglaterra a Guilherme, duque dos normandos, e aos cavaleiros que o seguiam. A ilha assim caiu sob o domínio de

36 DUBY, Georges. *A sociedade cavaleiresca.* São Paulo: Martins Fontes, 1989, p.23.

37 "No século XIII, uma palavra latina, *miles,* era uniformemente empregada para mostrar que o indivíduo pertencia a esse grupo coerente que era então a cavalaria. Em que momento, de que maneira esse termo se introduzira no uso? Não vejo, de minha parte, melhor modo de abordar o problema. Sob a condição, todavia, de limitar desde o início a pesquisa a uma certa linguagem, a dos diplomas, das contas e das notícias, a mais reveladora neste caso, pois que é técnica, em todo caso mais estrita que a das obras literárias, e porque ela se mostra por natureza especialmente atenta em definir estatutos jurídicos, em qualificá-los, em distingui-los dos demais. Por certo esse vocabulário é muito atualizado, cristalizado, rebelde às inovações. Nunca se deve esquecer o tempo, por vezes muito longo, que ele leva ordinariamente para refletir o que modifica no concreto a condição das pessoas. Pelo menos, o momento em que acolhe enfim um título particular para designar especialmente os membros de uma nova categoria social deve ser considerado sem contestação como aquele em que a existência desse grupo é unanimemente reconhecida, consagrada, totalmente admitida pela consciência coletiva e transmitida como uma estrutura estável às gerações posteriores. 1. Para apreender o aparecimento e a difusão da palavra *miles* nesse vocabulário especializado, apoiar-me-ei em primeiro lugar no resultado das pesquisas que empreendi, vinte anos atrás, nos documentos da região do Mâconnais, especialmente nos cartulários da abadia de Cluny. Com efeito o material aí se mostra, para o período de mudança desta história (os anos próximos ao ano mil), de excepcional densidade. Nenhuma pesquisa sobre o vocabulário empregado para designar a aristocracia foi até aqui, ao que sei, levado tão longe, e seus resultados passaram com sucesso pela prova da crítica. [...] 2. Com essas observações, referentes a uma pequena província da França central, é possível hoje confrontar outras que, na verdade, permanecem também totalmente locais e que parecem menos sólidas e menos nítidas porque repousam num material documentário muito mais pobre. [...] 3. Mas se, sem deixar de empregar os mesmos métodos, deslocarmos a observação para outras regiões, se transpusermos ao norte e a leste as fronteiras do reino de França, perceberemos que o movimento que se completava no Mâconnais por volta do ano 1100 só um século depois atingiu a Lotaríngia e as províncias germânicas. De fato, por todo o século XII, o vocabulário jurídico continua a distinguir claramente, nessas regiões, uma "nobreza", identificada com a verdadeira liberdade, de uma cavalaria que é considerada como nitidamente subordinada. Léopold Génicot mostrou, por exemplo, que as fórmulas finais das cartas de Namur, até cerca de 1200, põem cuidadosamente à parte as testemunhas que são *nobiles* e as que não passam de *milites.* Como fazem, até por volta de 1225, os escribas do ducado de Gueldre. Como faz em sua crônica do Hainaut o excelente observador das realidades jurídicas que é Gislebert de Mons. Como faz ainda, em 1207, a ordenação de Filipe da Suábia. E outras fontes que não são jurídicas manifestam de maneira notória a existência, nas representações mentais, de uma distinção estrita entre nobreza e cavalaria. Em seu tratado *De imagine mundi,* Honorius Augustodunensis explica que o gênero humano foi distribuído após o dilúvio em três categorias sociais: os *liberi,* filhos de Sem, os *milites,* filhos de Jafé, e os *servi,* filhos de Cão. Faz-lhe eco, algumas décadas mais tarde, uma crônica alsaciana de 1163 evocada por Karl Bosl, onde se pode ler que Júlio César, depois de haver conquistado as Gálias, estabelece os senadores como *príncipes* e os simples cidadãos romanos como *milites,* de sorte que desde então os cavaleiros, superiores aos rústicos mas inferiores aos nobres, cooperam para a manutenção da paz". DUBY, Georges. *A sociedade cavaleiresca.* São Paulo: Martins Fontes, 1989, p.24-27.

> uma aristocracia cuja cultura e maneiras de expressão eram inteiramente continentais, e que de outro lado da Mancha conservava, além das sepulturas de seus antepassados, boa parte de seus interesses, domínios e poderes. A Normandia pertencia ao reino da França. Continuou a pertencer-lhe, e seu duque continuou vinculado aos soberanos francos, sucessores de Carlos, o Calvo, e de Hugo Capeto, pelos ritos da homenagem – vassalo deles, obrigado pelo menos a nada fazer que pudesse prejudicá-los. Porém, sendo agora rei também ele, por direito de conquista, seu poder efetivo logo superou o do outro rei, seu senhor, que passou a ter como principal preocupação a de reduzir a desigualdade entre ambos[38].

Na definição, portanto, mais universal, os cavaleiros são os defensores, uma das três ordens que Deus desejou que se estabelecesse no mundo[39]. De acordo com Adriana Mocelim,

> Tanto o Rei quanto o nobre idealizados ao longo do relato, são descritos a partir do ideal cavaleiresco, pautado nos seguintes aspectos: a necessidade de se cultivar o amor e a amizade, a fim de manter a 'ordem' na sociedade, virtudes como a lealdade, fidelidade, mansidão e moderação e ainda a fim de servirem como *exempla* a contrário os relatos de deslealdade e traição. A projeção idealizada passa ainda pela necessidade de ser um bravo guerreiro, além de ser um bom conselheiro[40].

É importante lembrar que essa época de Guilherme Marechal a cultura da cavalaria estava estabelecida através desses elementos apresentados, os quais tinham por objetivo um efeito social moralizante. A intrepidez, a coragem, a astúcia são as virtudes do cavaleiro medieval que fomentam a honra que deve ser conhecida por todos. Para Georges Duby existiam critérios para que um cavaleiro pudesse agir como tal: 1. Manter a palavra; 2. Combater com valor segundo as leis; 3. A busca pela glória; 4. Conquistar o amor das damas. Tudo isso poderia ser conquistado, como foi para Guilherme Marechal, através dos torneios:

> A biografia do Marechal contém a descrição de dezesseis torneios, todos eles localizados com precisão, exceto um. Assim divisamos o paraíso dos torneios, circunscrito por uma linha imaginária que passaria por Fougères, Auxerre, Épernay, Abbeville. Vemos também que apenas duas dessas partidas foram disputadas no centro de principados feudais, uma em Pleurs, perto de Sézanne, no condado de Champagne, outra em Saint-Pierre-sur-Dives, perto de Caen, no ducado de Normandia. Todas as outras foram organizadas nos confins, nas 'marcas' dessas formações políticas, junto às velhas florestas fronteiras que desde tempos imemoriais separavam etnias (nos limites do Vermandois e dos domínios capetos, entre Gournai e Resson, perto de Compiègne; três vezes nos limites da Champagne, em Lagny e Joigny, com a

38 DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo.* Tradução de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, edição de 1987, p.78.

39 SENKO, Elaine Cristina. *O conceito de justiça no trabalho jurídico do rei Afonso, o Sábio (1221-1284): Las Siete Partidas.* Tese de Doutorado em História UFPR. Curitiba, PPGHIS UFPR, 2016.

40 MOCELIM, Adriana. *"Segundo conta a estoria...": A Crônica Geral de Espanha de 1344 como um retrato modelar da sociedade hispânica tardo medieval.* Tese de doutorado. Curitiba: UFPR, 2013, p. 20.

> Ilha da França e o ducado da Borgonha; nas fronteiras da Normandia, com o Ponthieu, em Eu, com a Bretanha e o Maine, em Saint-James e Saint-Brice, com o Perche e o condado de Blois, em Anet, Maintenon e Épernon). Uma tal distribuição geográfica dará muito o que pensar aos interessados nas origens desses simulacros de batalha[41].

Os torneios eram divididos por equipes de jogadores. Cada equipe, representando uma cor, participava dos duelos entre si, das emboscadas e resgates, e por fim da feira onde poderiam encontrar suas damas. Interessante a passagem reproduzida por Duby de que o autor da história sobre Guilherme Marechal se desculpa porque não pode contar os pormenores de cada torneio que o referido cavaleiro participou: "quase toda semana se fazia torneio, numa praça ou noutra"[42]. Dentro do campo escolhido ocorria o torneio seja por cavaleiro das casas ou cavaleiros andantes. Vejamos uma situação de Guilherme em torneio através da palavra do poeta quando o referido personagem foi lançado ao chão, momento de tensão dentro da narrativa:

...até os joelhos do cavalo.
Mas logo fez-se o reparo.
Sobre ele, abate a batalha,
o assalto raiva, e ele talhe,
tange, atinge todos, tudo,
fere os elmos, quebra escudos.
Tanto lutou Marechal,
que os que o viam, afinal,
já não sabiam dizer
em que se tornara o rei.
Disse o rei mais tarde, e todos
que o sabiam de vista, e outros
que isso souberam de ouvida
que jamais tamanha lida
de um cavaleiro, e tão bela
se lutara, como aquela
de Marechal. E os melhores
cobriram-no de louvores[43].

O elogio é extremado mas também demonstra o que a cultura da cavalaria promovia quando o cavaleiro conseguia se reerguer para a luta. Trata-se de um luta honrável portanto. Conforme Duby: "Por isso o Marechal, vitorioso (se lhe dermos crédito) em todos os torneios – ou pelo menos desde que conseguiu, após ano e meio de exercícios e tentativas, levar a

41 DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo.* Tradução de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, edição de 1987, p.124-125.
42 Idem, p.127-128.
43 Idem, p.145.

seleção inglesa ao primeiro plano -, não se enriqueceu muito nesse período de sua vida"[44]. Mas ele foi favorecido por Henrique II, pois esse rei acompanhava os sucessos da vida cavaleiresca de Guilherme Marechal. Pois foi assim que o Marechal conseguiu a amizade do rei, sustentando-se essa relação com fé, confiança e fidelidade. Independente de ser aceito ou não por João Sem-Terra ou Ricardo Coração de Leão, posteriormente, o Marechal sempre manteve-se firme diante do poder. E foi essa postura que o rei menino recepcionou nos últimos momentos do Marechal. Graças a Georges Duby, historiador de Guilherme Marechal, hoje temos uma obra referencial para o conhecimento não apenas da vida desse memorável personagem do passado medieval, mas também do modelo de cavalaria que ele representava, importante, como vimos, para estudos e problematizações da história social daquela época.

[44] Idem, p.155.